

Dr. José Simões Dias

A data de 3 de março de 1899, anda nitidamente gravada na minha memória. Fez agora 38 anos que o mavioso e ilustre poeta Simões Dias faleceu em Lisboa.

Era uma sexta-feira e chovia a potes. Lembra-me como se fôsse hoje!...

Meu tio e padrinho era o prior de Caparica, aonde eu ia passar temporadas. O bom prior proporcionava-me bem-estar e muito carinho e tinha a convivência do grande poeta Bulhão Pato. Que mais queria eu?

Neste dia aziago, os jornais da manhã trouxeram a notícia do falecimento deste grande poeta. Eu queria ir ao seu enterro, que era à tarde, mas o tempo inclemente não me deixava atravessar o Tejo. Debaixo de água fui a casa de Bulhão Pato, na Torre, dar-lhe a infausta notícia, e a seguir ao Lazareto, pelo telégrafo, dar os sentimentos ao Carlos, pela perda do sógro.

Esté grande escritor era da minha freguesia e ainda se dizia parente de minha família.

Vi-o poucas vezes, porque só de longe em longe vinha à Benfeita, e então, na companhia de meus pais, o visitava, já com admiração, pois ouvia cantar os seus versos nas romarias e aos cegos que esmolavam pelas portas.

Mais tarde ofereci-lhe um livrito de versos que publiquei (bons tempos esses!) e na volta do correio mandou-me as suas «Peninsulares» com amável dedicatória.

Depois da sua morte, lembrei e advoguei uma lápida que se pôz na casa em que nasceu.

Lá está a lembrar aos benfeitenses o nome do seu filho mais ilustre. Seu irmão, meu professor de primeiras letras, deu-me os apontamentos que se seguem. Era o bondoso padre Albino, pároco da Cerdeira.

O dr. Simões Dias era filho de António Simões Dias Cardoso, irmão do célebre Patagónia e de D. Maria Gonçalves do Rosário. Nasceu na Benfeita em 5 de fevereiro de 1844. Foi seu primeiro professor o padre António Pedro Nunes Pereira, que, por questões políticas, foi prêso e confiscados seus bens. Depois de viuvo, fez-se padre e foi o primeiro professor da Benfeita, em 1843.

Simões Dias partiu para Pedrógão Grande em 1854, para casa de seu tio, o padre Albino Simões Dias Cardoso, a estudar latim com João Cabral Pedroso de Figueiredo e Brito.

A sua viagem e despedida conta-a ele num dos seus livros, em cartas interessantíssimas dirigidas por João Ninguém, que era ele, ao pároco da sua freguesia.

Foi para Coimbra em 1857 e nesse ano fez todos os exames do liceu para o curso teológico do Seminário. Ali estava em casa de seu tio, o padre Simões, mas fazia as lições litografadas e leccionava para acudir às suas despesas, pois o padre Patagónia era um sovina.

Formou-se em 3 de julho de 1868. Ca-

sou em 3 de setembro do mesmo ano com Guilhermina Simões da Concelção, filha de uma hoteleira que morava perto da Sé Velha e era a rapariga mais linda de Coimbra.

Por se formar e por este casamento, caiu no desagrado do tio, que não quis saber mais dele.

Passou a lua de mel no Buçaco, falecendo esta linda mulher em 14 de abril de 1869, com 24 anos de idade.

Foi sempre classificado com «accessit». Concorreu após a formatura a uma cadeira em Elvas, em 1868, tendo a classificação de optimo. Ali lhe faleceu a esposa idolatrada e jaz no cemitério de S. Francisco, da mesma cidade.

Em agosto de 1870 foi despachado amanuense da secretaria do ministério da Justiça. No mesmo ano foi condecorado com a Comenda de Isabel, a Católica. Tratou bastante da literatura espanhola, na «Democracia d'Elvas», sobre Zurrilla, Ruiz Aguilera, Molina, Carreras, Montero Rios e outros. Foi depois despachado professor de Português-Retorica no liceu de Viseu, onde viveu muitos anos e casou segunda vez com D. Henriqueta de Lemos Menezes e Albuquerque, de quem teve uma filha, que casou com o meu chorado primo dr. Carlos Simões Dias, ha pouco falecido. Foi ali nomeado «Conselheiro do Distrito».

Era sócio dos «Artistas de Coimbra», aonde discursou várias vezes.

Foi eleito deputado pelo círculo de Mangualde, em outubro de 1879, fazendo nesse ano, em Côrtes, quatro notáveis discursos. Os estudantes do liceu de Viseu fizeram-lhe uma grande manifestação de agrado. Dois terços das festas do centenario de Camões a ele se deveram, segundo os jornais da época.

Em 29 de junho de 1884 teve votação para deputado de acumulação em 26 assembleias, com o total de 15.395 votos.

Foi em 1861 que publicou os primeiros versos em um jornal de Coimbra.

Era socio correspondente de «Fomento de las artes de Madrid», da «Sociedade Barcelonesa dos Amigos do País», do «Gabinete Literario de Pernambuco», membro honorario de primeira classe da «Academia poetica de Monte-Real» (França), socio efectivo da «Associação dos Jornalistas de Lisboa», da «Associação Popular Avoense», etc., etc.

Todas estas consagrações foram em 1883.

Escreveu poesias, romances, contos criticos e livros escolares.

A sua obra que mais o eleva, são as «Peninsulares», livro encantador de liricas de uma singeleza que nos encanta.

Eu queria prestar ao patricio ilustre mais condigna homenagem, mas o tempo não me sobra. Dia virá em que eu cumprerei este tributo de gratidão ao grande poeta da minha terra.

Gloria da literatura portuguesa e orgulho da minha freguesia, para ele vá a singeleza desta comemoração.

J. LENGASTRE.